



Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião

ISSN: 1518-4463

ISSN: 1982-2650

Universidade Estadual de Campinas

Costa, Daniel Alves Fábio
INTRODUÇÃO ÀS GESTAS PENTECOSTAIS: ANÁLISE
ESTRUTURAL DE UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA
Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião,
vol. 20, núm. 29, 2018, Agosto-Dezembro, pp. 232-243
Universidade Estadual de Campinas

DOI: <https://doi.org/10.20396/csr.v20i29.12330>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=717975894013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

INTRODUÇÃO ÀS GESTAS PENTECOSTAIS: ANÁLISE ESTRUTURAL DE UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Daniel Alves

Fábio Costa

Universidade Federal de Goiás – Brasil

Resumo: A partir do livro *Bom dia Espírito Santo*, do autor líder evangélico Benny Hinn, neste artigo construímos uma leitura estrutural da sua autobiografia, partindo de sua narrativa heroica a partir dos conflitos que se opuseram a sua ascendência como líder religioso. Inspirando-se na metodologia estruturalista de interpretação dos mitos conforme desenvolvida por Lévi-Strauss, delineamos os conflitos inerentes à narrativa e suas soluções. As rupturas com o mundo antecipam aprofundamentos pessoais do Espírito, enquanto as visões espirituais antecipam conflitos familiares no mundo.

Palavras-chave: Autobiografia; pentecostalismo; narrativa.

Abstract: From the book *Good Morning Holy Spirit*, written by evangelical leader Benny Hinn, in this article we construct a structural reading of his autobiography, starting from his heroic narrative from the conflicts that opposed his ancestry as a religious leader. Inspired by the structuralist methodology of interpretation of myths as developed by Lévi-Strauss, we outline the conflicts inherent in the narrative and its solutions. The ruptures with the world anticipate personal deepening of the Spirit, while the spiritual visions anticipate family conflicts in the world.

Keywords: Autobiography, Pentecostalism, narrative.

Introdução

Uma das principais tarefas de “personalidades públicas”, na construção de suas reputações, é a manutenção de uma biografia. As personalidades, em certo sentido, sempre são públicas, porque sempre há um espectro social mais ou menos imediato dentro do qual alguém “dá a conhecer” a especificidade de sua vida a outrem. Porém, quando alguém quer adquirir reconhecimento para além dos círculos sociais imediatos, há que se encontrar os meios de se “dar a conhecer” a mais pessoas. Dependendo dos intuitos de tal projeto, haver-se-á de encontrar meios adequados de fazer isso. Não é raro encontrar o oferecimento de serviços por esses “gerentes de imagem e de reputação” que são os *coaches* de imagem, artísticos ou profissionais, que aconselham não só nos quesitos de apresentação pessoal, mas também nos aspectos necessários para a manutenção de um *curriculum*, que nada mais é do que uma síntese biográfica construída para propósitos de inserção em circuitos de mercado e trocas simbólicas específicos.

Líderes religiosos dos mais variados matizes, quando ganham alguma notoriedade por tal ou qual característica pessoal ou da instituição que gerenciam e/ou representam, sentem as mesmas necessidades de gerenciamento biográfico e de imagem pessoal que pessoas nessas mesmas condições no mundo secular. A inserção evangélica nas mídias radiofônica, televisiva, impressa e/ou digital, para além de divulgar a mensagem cristã, divulga também a biografia dos pastores, músicos e evangelistas, *transmutada em um bem simbólico sobre o qual se deve demonstrar poder e que deve servir como modelo de atitude*. Daí porque todas estas biografias estão calcadas no modelo conversionista paulino: quase invariavelmente, elas revelam como a ação de forças espirituais que governam a vida do sujeito e/ou da instituição revelaram-se e transformaram a identidade social e pessoal dos líderes. *Essa mesma mudança é esperada, pelo autor-modelo, naquele que lê sua biografia*¹. Lê-se, por exemplo, na biografia que passaremos a analisar, na segunda página, a seguinte advertência.

Meu amigo, se você está preparado para começar uma relação pessoal com o Espírito Santo, o que vai superar tudo o que jamais sonhou, continue lendo. Caso contrário, recomendo que feche esse livro para sempre. É isso mesmo! Feche o livro! Porque o que pretendo dizer-lhe irá transformar sua vida espiritual. (HINN, 1995, p. 2)

Disso decorre que a biografia acaba servindo como ferramenta para a inserção do leitor-modelo, tomado sempre como um potencial convertido, num determinado campo semântico e de prática de si. No que tange a sua função social na organização das religiões, ela serve como ferramenta para a ação proselitista. No plano de seu conteúdo, ela dialoga com certas disposições de crer dos leitores por meio de um sistema simbólico estruturado e estruturante, com os quais nos ocuparemos aqui neste estudo de caso.

O poder sobre a biografia passa, ao que percebemos, pela publicação impressa de um livro no qual o próprio líder conta sua história de conversão. No romance espírita postula-se a interautoria, no mínimo, entre um encarnado que psicografa e outro, desencarnado, que dita. Na biografia evangélica autorizada, postula-se uma autoria una de uma pessoa que conta de outras fases de sua vida, àquelas anteriores às experiências transparentes do sagrado promovidas por forças espirituais.

Apesar de trabalharmos aqui com uma autobiografia, o material a que nos dedicaremos é distinto, e até mesmo oposto, do tipo de material que coletamos nas metodologias qualitativas relacionadas à história de vida. Isso porque, quando reiteramos a escuta com uma única pessoa,

procuramos os dilemas, rupturas, impasses e incoerências que dão sentido propriamente histórico àquela narrativa. O tipo de narrativa escrita produzida nesses livros é de uma história com dilemas, impasses e rupturas, mas com incoerências definitivamente limadas. Sua narrativa é teleológica, dado que o autor empírico e sua posição no campo religioso, no fim da história, faz convergir todo o sentido da narrativa. A história pessoal de um líder não pode ser uma sucessão de acasos, e a prova disso é a importância atual do autor empírico em seu campo de atuação. Uma “história de sucesso”, que, no caso, é a história do conhecimento íntimo do poder divino que redundava num “ministério impactante”, e por sinal bastante conhecido entre evangélicos na região de Catalão.

Há mais. Assumimos que existe um modelo nessas narrativas autobiográficas que espelha aspectos da estruturação simbólica da expressão religiosa em questão, e da sua lógica de produção de capital simbólico. Isso faz com que essas autobiografias sejam estruturadas dentro de uma espécie de “máquina narrativa” evangélica pentecostal (CORTEN, 2001), uma retórica que pode, de certa forma, ser decodificada e rearticulada em suas variantes, da forma como Lévi-Strauss se propôs fazer com os mitos durante décadas de estudo (2012a). O estudo de caso a que nos dedicamos visa levantar algumas hipóteses sobre o funcionamento desta máquina narrativa nas autobiografias de líderes evangélicos.

Do pai mundano ao filho ungido

Com/pelo poder do Espírito Santo, o filho mais novo de uma família ortodoxa grega converte-se a práticas religiosas carismáticas e suplanta, gradativamente, a autoridade masculina e centralizadora do pai. A família passa a congregar como evangélica através da revelação de Benny Hinn, desagregando-se do tradicionalismo e reconfigurando o sentido da autoridade masculina. Se tivéssemos que sintetizar em poucas palavras, em termos do código familiar, isto é o que podemos encontrar em *Good morning, Holy Spirit* (traduzido para o português como *Bom dia, Espírito Santo*; HINN, 1995; daqui por diante BDES).

A história de vida que levou Benny Hinn a se tornar um dos líderes evangélicos mais influentes da América Latina se desenvolveu por diversos conflitos familiares que sempre eram resolvidos por ações do Espírito Santo em sua vida. Desde sua infância em Haifa o Espírito Santo se faz presente na narrativa de Benny Hinn, e desde essa época o conflito mais importantes de sua vida esteve presente. A imagem do pai para Benny é passada numa chave autoritária. Seu pai era uma figura política da época, tendo sido prefeito da cidade natal de Benny Hinn, Haifa. Constandi Hinn não demonstra muita afeição. Uma frase que marca claramente esta característica é de que “Homens eram homens.” (BDES, p. 9).

A figura de mãe que Benny descreve é a total oposta da figura do pai. Clemence Hinn sempre demonstrava carinho e afeição para com todos os filhos. A mãe de Benny foi a primeira a ter um contato com o futuro de seu filho com uma visão com Jesus e o Espírito Santo. A visão se deu com a aparição de um homem em seu quarto. Nesse sonho, a mãe de Benny tinha seis rosas em sua mão das quais este homem, que descrito por ela era um jovem baixo e baixo, de cabelos negros, lhe pediu uma das rosas que estava em suas mãos, e em seguida este homem se aproximou e a acolheu e à envolveu em um tecido quente. Segundo a mãe de Benny, este homem era Jesus, e no dia seguinte três de dezembro de 1952 ela veio a dar à luz ao seu filho Benny Hinn. Esta é uma das primeiras vezes que o Espírito Santo se mostra como sonho na vida de Benny, desta vez não com ele, mas como presságio para sua mãe sobre seu futuro.

Benny, ainda na sua infância em Haifa e segundo sua autobiografia, teve seu primeiro contato com o Espírito Santo. Foi quando tinha apenas onze anos, a primeira vez que, segundo Benny, “Deus começou a mover-se em minha vida” (BDES, p. 10), e a partir dessa visão Benny se torna santo. A aparição se deu num sonho e a sensação descrita foi como se ele estivesse sido ligado na tomada, e Jesus teria olhado para ele com os olhos abertos, sendo que a sensação de eletricidade se manteve até ele acordar. O Espírito Santo se tornou presente na vida de Benny, a partir deste acontecimento, com mais frequência.

Na época em que Benny vivia em Haifa, a cidade estava no auge do conflito armado que envolvia a Síria, Egito e Jordânia que ficou conhecido como a Guerra dos Seis Dias (BDES, p. 11). Por conta disso o patriarca da família Hinn os reuniu para uma saída do país, o que na visão dele era o melhor a ser feito nessa situação. O pensamento inicial uma mudança para a Bélgica, mas uma noite um homem da embaixada do Canadá lhes mostrou um vídeo de como era a vida em Toronto, o que os deixou mais interessados, e não demorou muito para que vendessem suas posses em Haifa e se mudassem. Nesse meio tempo Benny fez uma promessa para que se tudo desse certo sua gratificação seria o maior frasco de óleo de oliva que ele conseguisse encontrar. Com a mudança e um novo recomeço em Toronto, Benny paga seu voto em uma igreja ortodoxa grega agradecendo pela boa mudança (BDES, p. 12-13).

Depois de um tempo de adaptação em Toronto, Benny consegue um emprego de meio expediente em um quiosque que vendia hambúrgueres e sorvetes, todos os dias depois da escola. Benny tinha um grande problema com sua gagueira que o prejudicou muito na sua infância e em muitos momentos da sua vida. No serviço não era diferente: ele falava pouco com as pessoas e trabalhava mais nos serviços que não eram diretamente ligados ao público. Nesse tempo havia um rapaz chamado Bob que era seu companheiro de trabalho. Bob um dia espalha bilhetes sobre as escrituras bíblicas por todo o quiosque. Benny se sente atizado por aquilo, pensando que todos aqueles papéis eram para ele porque os dois já haviam conversado antes sobre a religião de cada um, no entanto a decisão de Benny foi de afastamento de Bob. A importância de Bob nesse momento é o começo da inserção de Benny no mundo carismático: vários amigos de Bob que eram da mesma religião que ele, frequentavam o quiosque e a mesma escola que Benny. As interpretações de Benny sobre algumas coisas que Bob fazia eram negativas porque Benny não reconhecia certos conceitos, como é o caso do “novo nascimento” (BDES, p. 13), algo que na sua criação ortodoxa não existia.

Depois de alguns anos de sua primeira visão em sonho de Jesus, Benny tem sua segunda visão de encontro com Jesus no seu último ano na escola George Vanier. A visão se dá em um corredor escuro, onde Benny está preso por correntes pelas mãos e pés e também a um prisioneiro na sua frente e também atrás dele, as roupas que ele vestia eram de um condenado. Na escada escura havia uma nevoa, e nessa nevoa, pequenas pessoas das quais viam-se as orelhas pontudas mas não via-se o rosto. Estas pequenas pessoas levavam os vários sentenciados que estavam em fila nessa escada para baixo, nas palavras de Benny “(...) estávamos sendo obviamente empurrados escada abaixo por eles, como uma manada de gado para o matadouro – ou pior ainda” (BDES, p. 13). Nesse caminho aparece um anjo, que no meio da escuridão para na frente de Benny e retira ele do meio dos condenados para levá-lo. Ele adentrou em uma porta onde havia uma luz celestial, depois o anjo deixou Benny na esquina de sua escola bem próximo ao muro dela e desapareceu. Essa visão mostra como Benny se torna o escolhido do Espírito Santo, de tantos outros que poderiam ser retirados da fila, que aparentemente seria a de um julgamento no inferno, Benny é o único retirado, mostrando que ele é um escolhido de Deus. A proximidade do Espírito Santo continua aumentando conforme Benny se deixa levar por novas questões espirituais.

Benny foi convidado por seu amigo Jim Poynter que era ministro da igreja Metodista Livre para acompanhar ele a um culto em Pittsburgh de uma evangelista chamada Katryn Kuhlman, que fazia cultos de cura espiritual. Nesta passagem de tempo, Benny estava participando de um grupo carismático numa igreja protestante histórica, que ele denomina “Catacumbas”, que foi onde ele começou sua vida de ajudante no andamento do culto e dos cânticos.

A experiência vivida por Benny no culto que ele participou de Kuhlman mudou sua vida por completo, em relação a como lidar com o Espírito Santo, de forma a tratar o mesmo como se fosse uma pessoa presente e constante. A ida de Benny até Pittsburgh foi censurada pelos seus pais, por ele viver uma fase difícil de aceitação da sua família a sua nova identidade religiosa, antes católico ortodoxo grego, agora no caminho do carismatismo protestante. Antes mesmo de adentrar o culto de fato, na parte externa da igreja na parte da manhã que foi combinado com Jim para poderem conseguir lugares para sentarem, pela quantidade de pessoas que comparecem a este tipo de culto de cura. Benny narra que começou a sentir uma forte presença em seu corpo, uma forte vibração, como se alguma pessoa estivesse o segurando e chacoalhando o seu corpo sem parar. Depois de os portões da igreja serem abertos e de Benny e Jim correrem para conseguirem um lugar na terceira fileira da igreja, por conta de tentarem a primeira fila, mas não puderam porque as pessoas da primeira fila são todas escolhidas pelo fato da Sra. Kuhlman ser muito sensível ao Espírito Santo, tanto que apenas pessoas que são positivas podem permanecer nestes lugares, a vibração que estava presente no corpo de Benny só aumentou. Quanto mais tempo ele permanecia naquele lugar mais a vibração aumentava (BDES, p. 3).

Quando começaram os louvores e Kuhlman já estava no altar da igreja, Benny começou a sentir-se mais avivado ainda, pelo conteúdo dos cânticos que estavam sendo tocados. Depois dos cânticos terminarem, Kuhlman começou a ministrar o culto, mas Benny não se importava nesse momento por estar vivendo várias sensações novas do Espírito Santo, uma brisa de ar que passava por seu corpo, penetrava por todas as partes, depois essa sensação se toma por outra de como se um cobertor bem quente estivesse o cobrindo por completo naquele momento. Pelos pedidos de misericórdia Deus falou com Benny “Ouvi então uma voz que sabia ser do Senhor. Era mui gentil, mas inconfundível. Ele me disse: – Minha misericórdia é abundante sobre você” (BDES, p. 4). o que, segundo o autor, o fez não mais apenas ser um cristão normal, mas sim adorar a esse Deus com mais amor. Benny faz o seguinte comentário sobre tudo o que está ocorrendo naquele momento com ele “Naquele momento eu sentia o que a palavra descreve tão bem: ... ‘Paz... que excede todo o entendimento’ (Fp 4.7)” (BDES, p. 4).

Kathrin Kuhlman se torna a chave da intimidade de Benny para com o Espírito Santo, que se torna um amigo íntimo com o qual compartilha todos os seus segredos, alegrias, angustias e sofrimentos. Nesse momento ela cobre o seu rosto chorando, logo em seguida volta-se para o público, em especial olhando para Benny e dizendo “Por favor! Não o magoem. Ele é tudo o que eu tenho. Não magoem o meu Amado!” (BDES, p. 5). A única referência de Espírito Santo para Benny antes dessa fala da Sra. Kuhlman, era através do seu pastor ele dizia que era como os dons espirituais que são recebidos, profecia, dons de falar em línguas, mas nada relacionado ao Espírito Santo como um ser vivente que está ao seu lado presente constantemente. Benny então afirma que queria ter esse Espírito Santo presente em sua vida também.

Benny em 1974 começou a pregar para as pessoas, depois de um ano sua fama já crescia. O jornal Toronto Star publicou uma notícia com sua foto, esta foto ele estava pregando em uma igreja ao oeste de Toronto numa igreja pentecostal, onde o pastor daquela igreja queria atrair mais pessoas. Sua vida de pregador começou depois que Benny decidiu contar sua história de vida em uma igreja

Assembleia de Deus em Osawa, para um público de 100 pessoas (BDES, p. 20). A partir dessa pregação ele começou a ser conhecido.

Um dos maiores conflitos que Benny teve em sua ascendência na vida como evangelizador foi a figura do seu pai. Uma pessoa que não demonstrava com facilidade os seus sentimentos, mas uma coisa era sempre clara para todos, a figura de autoritarismo e que não aceitava de maneira alguma a mudança da ortodoxia católica para o carismatismo. Quando Benny decidiu contar a sua família sobre sua nova religião, primeiramente diz para sua mãe, Benny diz para sua mãe, que foi salvo, mas não sem explicar claramente o que tinha acontecido. Quando todos da sua família descobriram realmente que ele está nas Catacumbas, a reação de toda a família é a de ridicularizar Benny e debochar da situação.

Benny de algumas formas ainda tentava dentro da sua casa falar sobre o Espírito Santo dentro da sua casa. Tentava falar com seus irmãos e sua mãe, mas nunca com o seu pai, porque ele deu a ordem de nunca mais falar o nome do Deus dentro de sua casa. Certo dia, Benny, ao falar o nome de Deus dentro de sua casa, levou um tapa no rosto de seu pai. Benny descreve que sua angústia diante do tapa não era pelo fato, mas pelo amor que ele tinha pela sua família e pela salvação da alma deles, pois que aceitassem o Espírito Santo como ele aceitou.

Mais uma vez Benny tentou falar de Deus para sua irmã mais nova, mas a reação de seu pai a descobrir foi procurar um psiquiatra por achar que seu filho teria perdido totalmente a razão. A conclusão do psiquiatra sobre o quadro de Benny foi dizer que era apenas uma fase que ele estava passando, e que tudo aquilo com o tempo acabaria. Não contente, o pai de Benny o leva a seu escritório e tenta conseguir um emprego para ele, para seu filho “(...) a ponto de não ter tempo para aquele ‘Jesus’”. Ele procurou um de seus amigos dizendo – Gostaria que oferecesse um emprego para meu filho Benny” (BDES, p. 17). Benny volta ao carro do seu pai e diz que não conseguiria trabalhar com pessoas como aquelas, que são desrespeitosas. Então o pai de Benny pergunta o que ele queria para poder “desistir desse Jesus”, então ele responde “Papai – respondi, – você pode pedir o que quiser, mas eu prefiro morrer a desistir do que encontrei” (BDES, p. 17). A reação de seu pai foi imediata: como nunca aceitou a opção de seu filho, agora ele se tornou um estranho e que ignorava totalmente a presença de Benny.

“Bom dia Espírito Santo”: o título do livro que está sendo abordado foi a primeira coisa que Benny teria dito quando acordou depois do culto que participou em Pittsburgh. Essa frase dita por Benny teria a intenção de chamar o Espírito Santo. Um meio de relação com o Espírito Santo era o isolamento em seu quarto, que pode ser comparado à passagem bíblica na qual Jesus perdeu-se no deserto por 40 dias. O quarto era o lugar sagrado de Benny. Todas as suas angustias e felicidades eram colocadas a prova ali, porque ali era onde o Espírito Santo se manifestava com maior força. Descreve-se que Benny, quando chegava de seu serviço, ia direto ao seu quarto e agradecia por estar de novo a sós com o Espírito Santo de novo. Benny narra que às vezes ficava o dia todo dentro do seu quarto, quando não tinha que ir trabalhar. Benny Hinn assegura que, quando ele saía para qualquer lugar, a presença o estava o acompanhando sempre.

Benny começou a pregação em Oshawa em 1974, onde por alguns anos ele conseguiu fazer suas pregações sem que sua família soubesse. Sua fama aumentou com a matéria no jornal Toronto Star. Benny desde sua tenra infância teve o problema da gagueira, o que o impedia de comunicar-se de forma clara com as pessoas, fazendo de sua infância uma memória vazia sem muitos amigos.

Dois amigos de dele da igreja Assembleia de Deus de Trinity, Stan e Shirley Phillips, convidaram ele para contar toda a sua história de vida, porque Benny ficou algumas horas contando todos os acontecimentos e todas as passagens da vida dele a esse casal de pastores, e eles queriam fazer

com que ele passasse adiante todas aquelas experiências. Havia em Benny uma vontade de pregar para o povo. Quando essa vontade surgiu, afirma Hinn em seu livro, Deus apareceu em sonho para ele, a visão que ele tinha desta vez era de várias almas caindo num caldeirão. Deus então disse que se ele não pregasse, todas as almas que caíssem dentro do caldeirão seriam de total responsabilidade dele (BDES, p. 19). A vontade era grande, mas a gagueira impedia um pouco a sua vontade de pregar, mas nesse dia quando ele subiu ao púlpito e abriu a boca ele sentiu que a cura veio por completo. Depois da sua primeira pregação todos os dias ele era convidado para pregar em alguma igreja, e seu ministério de pregação somente aumentava com o passar dos dias.

A família de Benny no começo de sua trajetória repudiava suas ações com sua nova religião, fazendo comentários sarcásticos, ofendendo tudo o que era ligado à sua religião. Até mesmo sua mãe que era a figura que mais tinha afeto pelo seu filho, agora estava tratando seu filho como uma pessoa estranha. O passar do tempo fez com que Benny tivesse um contato maior com o Espírito Santo, com o tempo esse sentimento de ódio e repulsa pelo o que ele estava vivendo começou a tomar o lugar o a curiosidade, a vontade conhecer essa experiência que ele estava vivendo. E aos poucos cada um dos irmãos dele começaram a fazer perguntas sobre como era a sua nova vida, e de um por um cada irmão foi indo para a igreja e foram batizados. O pai de Benny estaria ficando totalmente descontrolado emocionalmente diante dessa nova situação.

Depois de seus irmãos aceitarem o mesmo caminho de Benny, um dia em um culto que ele ministrava, o mesmo culto onde foi publicado a matéria sobre sua ascensão como pregador, ele estava se preparando para começar a pregar e viu seus pais chegando e sentando a poucas fileiras de onde ele estava pregando. O culto foi o teste final para realmente ver que sua gagueira tinha chegado ao fim, pela presença de seus pais o nervosismo aumentou, mas a gagueira tinha se curado por completo. Depois do término do culto, o medo dele de chegar na sua casa pela dúvida de saber o que seus pais estavam fazendo no culto, fez com que ele ficasse rodando pelas ruas de Toronto até a madrugada para não encontrar seus pais acordados e não ter de confrontá-los de forma alguma, mesmo chegando na madrugada seus pais estavam o esperando sentados no sofá. O seu pai disse quando ele chegou em casa demonstrou claramente o poder que foi colocado de fora para dentro da sua casa, como o tempo fez que sua liderança como pregador estabilizasse o principal conflito de sua vida. “Filho, – disse suavemente, – como pode tornar-me como você?” (BDES, p. 69) Essa foi a pergunta que foi feita a Benny, o que o fez acreditar seu pai acreditar na sua nova vida, Jesus e Espírito Santo, foi a cura de sua gagueira. A gagueira e a rigidez do pai foram os principais conflitos que marcaram por boa parte da vida de Benny, e em muitas das vezes eles o atrapalhavam, principalmente na sua ascensão como pregador. Um conflito dependeu do outro para a resolução completa para sua vida e a vida de seus familiares: a força maior do Espírito Santo acabou com a gagueira e, como consequência, seu pai acreditou que poderia se tornar alguém como seu filho, pois ele teria ficado maravilhado pela cura da gagueira.

A imposição do Espírito em fazer de Benny pregador fez com que os conflitos familiares fossem resolvidos. A força externa à família que fez dele líder religioso influenciou diretamente para as resoluções familiares, concretizando o englobamento de sua família no mesmo caminho de conversão que Benny escolheu.

Fala e poder: um princípio da análise estrutural da biografia

Toda a trajetória autobiográfica que analisamos aqui consiste em assumir do poder através da fala. Mas não se trata de qualquer fala: o sujeito sem o Espírito é simplesmente um dos filhos de Constandi, o filho de Constandi com o Espírito torna-se Benny Hinn. Desloca-se, desta maneira, o eixo do poder masculino na família de uma mundanidade paterna reservada e tradicional (“homens devem ser homens”) para uma espiritualidade filial emocional e renovada. Assim, se distribuirmos a narrativa dentro de algumas dimensões, assim como Lévi-Strauss fez com os mitos (2012a), podemos entender que temos as seguintes séries de eventos: I) rupturas, ora forçadas, ora livres ou libertadoras, que antecipam o aprofundamento crescente da relação com o Espírito Santo (II); III) conflitos religiosos e familiares que crescem ao longo do tempo e se resolvem ao final; e IV) visões que antecipam a solução dos conflitos. Colocando cada dimensão em uma coluna, e distribuindo os segmentos fundamentais de sentido da narrativa, construímos o que consta no esquema 01.

A narrativa lê-se diacronicamente de cima para baixo, e depois da esquerda para a direita. Cada um dos itens da coluna I sinaliza uma ruptura, livre ou forçada, que antecipa uma aliança com o Espírito Santo logo a seguir. São muitas as manifestações espirituais de Benny Hinn desde a infância, porém o conhecimento do Espírito como uma pessoa é progressivamente conquistado, sendo feito inicialmente através de pessoas. As visões vão progressivamente objetivando Benny Hinn como protagonista de algo: primeiramente, a mãe sonha com ele, como um presente; depois, Benny sonha em primeira pessoa; ao final, ele sonha consigo mesmo assumindo a fala e pregando a outros. A seguir, Benny tomará, com/pelo Espírito, o protagonismo da casa através do domínio miraculoso de sua fala.

Esquema 01 – Distribuição de elementos da narrativa

Rupturas	Relação ES	Conflitos	Visões
Os Hinn saem forçados de Haifa	Benny faz amizades nas Catacumbas	Pai prefeito: cheio de autoridade mundana (poder de dentro para fora da família tradicional = “homens devem ser homens”)	Mãe sonha que oferece rosas a Jesus (Benny = presente) Hinn sonha com Jesus (Benny = santo)
Hinn livre da família sai à Pittsburgh	Benny deseja o que Kathrin Kuhlman tem		Anjo tira Benny da fila do inferno (Benny = escolhido)
Benny entra forçado no mercado de trabalho (mundo)	DESERTO (Benny se esvazia de si e de suas relações no quarto) – Relação direta com o Espírito Santo (1973-1974)	Homem da casa contra neolíder religioso (Pai de Benny dá tapa no filho e lhe retira a fala: “não fale de seu Deus nesta casa”)	Benny se vê pregando para grandes públicos (Benny = neolíder)
Benny entra livre da família no mercado de bens de salvação (pregação)	○ E. Santo cura Benny da gagueira		
Os irmãos e à mãe entram na Igreja e são libertos		Neolíder religioso apossa-se da fala e engloba o homem da casa (poder de fora para dentro da família)	
I	II	III	IV
fala : gagueira :: liberdade : prisão :: mãe : pai :: espiritual : mundano			

Dado que existe uma relação de antecipação entre os segmentos de I e IV em II e III, respectivamente, temos:

$$I : II :: IV : III$$

ou seja, as rupturas com o mundo antecipam aprofundamentos pessoais do Espírito, enquanto as visões espirituais antecipam conflitos familiares no mundo. A dinâmica da biografia e da narrativa familiar de Benny Hinn, aqui, aponta menos para uma *transformação* do que para um *desvelamento*: a pessoa do Espírito estava com Benny desde o início e, na medida em que Ela se revela (por se sentir à vontade para tanto), Ela faz o milagre. “O milagre acontece quando a narrativa que relata um caso corriqueiro se transforma subitamente num discurso de louvor” (CORTEN, 2001, p. 153): a linguagem da narrativa biográfica espelha a conversão constante do imaginário das forças invisíveis no imaginário da transparência e vice-versa, como já havia identificado André Corten. Assim, encontramos na narrativa autobiográfica em questão uma dinâmica homóloga aos rituais de cura divina característicos da prática ritual do sujeito da autobiografia em questão.

A máquina narrativa do milagre consiste em transferir o discurso do plano do “fazer” ao do louvor. (...) Com efeito, a máquina narrativa do milagre começa por um discurso sobre os casos corriqueiros, ao qual damos um status pseudo-científico graças ao uso de termos bio-médicos, e termina em termos de jubilação espiritual (Jesus está conosco) (...) A máquina narrativa funciona de modo suficientemente homogêneo quando ela é apresentada em programas de televisão evangélicos no estilo americano ou quando ela é contada em um relato de vida, em testemunhos na igreja ou ainda em sermões. (CORTEN, 2001, p. 153)

Conclusão

O formalismo subjacente a qualquer exercício como o que fizemos já foi suficientemente criticado na literatura especializada. As críticas que aqui nos interessam ao método direcionam-se ao seu suposto cientificismo, na medida em que se apresentam diagramas e fórmulas matemáticas que assinalariam a dissolução da cultura do outro em parâmetros linguísticos de nossa própria sociedade. Para ficar apenas com o lugar-comum dessas objeções:

Em sua forma extrema, o estruturalismo (advindo dos trabalhos de linguística de F. de Saussure e R. Jakobson) deseja explicar o imaginário a partir de jogos combinatórios mais ou menos formalizáveis e fechados, intra ou intertextuais. (...) Cl. Lévi-Strauss estenderá esse método ao estudo das mitologias ameríndias que se deixem analisar como partições (*sic*) musicais reguladas por algoritmos matemáticos, vendo-se cada unidade de sentido - o mitema - acoplado a um outro por uma lei de oposição, e encontrando-se as duplas de opostos submetidas elas mesmas a novas oposições simétricas, etc. A abordagem formalista tem como interesse produzir modelos positivos, até cientificistas, do imaginário - por exemplo, das mitologias -, mas

inversamente fazer desaparecer os conteúdos existenciais dos referentes das imagens e a parte de apropriação pessoal, que se acham no âmago da abordagem hermenêutica. (WUNENBURGER, p. 31-32)

O antropólogo francês que forneceu as ferramentas que balizam a análise aqui apresentada teve a oportunidade de, ainda em vida, rebater a essas críticas, especialmente no *finale* das Mitológicas. Inicialmente, quanto ao uso de quadros, assinala: “Os quadros são ilustrações, não provas; sua função é sobretudo didática” (LÉVI-STRAUSS, 2011, p. 611). Nas mitológicas, tais quadros vão sendo gradativamente abandonados ao longo da obra, na medida em que o leitor já tenha se habituado a ler os mitos numa perspectiva estruturalista. Quanto ao cientificismo, é impossível não reconhecer a primazia dada ao pensamento científico em Lévi-Strauss, tanto no concernente à ampliação das capacidades humanas que promove quando na sua capacidade de destruição. Contudo, a primazia do racionalismo estaria sendo rebatida, no tempo da obra e provavelmente até hoje, pela sensibilidade, até mesmo por força das descobertas de epistemologias “outras” como aquelas vertiginosamente exploradas nas Mitológicas.

(...) o aprofundamento do conhecimento caminha junto com a progressiva dilatação dos quadros anteriormente definidos para o saber científico tradicional: este redescobre, incorpora e, num certo sentido, legitima formas de pensamento que inicialmente considerara irracionais e rejeitara. Adotar as perspectivas do saber científico não equivale, portanto, a reintegrar sub-repticiamente quadros epistemológicos de uma sociedade para explicar outras. Significa, ao contrário, constatar (...) que as formas mais novas do pensamento científico podem se sentir emparelhadas aos procedimentos intelectuais de selvagens, estes desprovidos dos meios técnicos que o saber científico, em suas fases intermediárias, teria permitido obter. (LÉVI-STRAUSS, 2011, p. 611)

O Ocidente, que erigiu o individualismo como sua ideologia motriz, arremessou a dimensão mítica do coletivo dos povos ao íntimo subconsciente de cada um. Isso não implica que cada um conta sua história pessoal como quer². O efeito, inclusive, parece ser o contrário nas narrativas autobiográficas evangélicas: elas parecem, como os mitos de sociedades indígenas e tribais, estranhamente assemelhadas, do ponto de vista lógico. A “suficiente homogeneidade”, para ficar com a expressão de Corten, da narrativa evangélica autobiográfica publicamente exposta é que torna possível e proveitoso o método estruturalista para sua interpretação. Certamente, o próximo passo seria expandir o exercício aqui desenvolvido a outras narrativas autobiográficas evangélicas, fazendo-as compor um sistema de transformações. Para os princípios da Iniciação Científica, satisfazemo-nos com a interpretação deste mito pessoal. Ela proporcionou um olhar distanciado a um fenômeno que envolve, a um só tempo, história pessoal, linguagem ritual, ferramenta de conversão e bem de consumo massificado.

Referências bibliográficas

CORTEN, A. O pentecostalismo transnacionalizado no contexto teológico-político. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, v. 15, p. 149-160, 2001.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HINN, Benny. *Bom dia, Espírito Santo*. São Paulo: Bompastor, 1995.

LÉVI-STRAUSS, C. A estrutura dos mitos. In: _____. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac e Naify, 2012a. p. 293-331. (Portátil; 10)

_____. A eficácia simbólica. In: _____. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac e Naify, 2012b. p. 265-291. (Portátil; 10)

_____. Finale. In: _____. *O homem nu (Mitológicas v. 4)*. São Paulo: Cosac e Naify, 2011. p. 603-670.

WUNENBURGER, J.-J. *O imaginário*. São Paulo: Loyola, 2007.

Notas

¹ Para os conceitos de autor-modelo e leitor-modelo, ver Eco, 2001.

² Para citar, outra vez, a Lévi-Strauss: “Poder-se-ia dizer, portanto, que o subconsciente é o léxico individual no qual cada um de nós acumula o vocabulário de sua história pessoal, mas que tal vocabulário só adquire sentido, tanto para nós mesmos quanto para os outros, na medida em que o inconsciente o organiza de acordo com as suas leis, fazendo dele, assim, um discurso. (...) O vocabulário importa menos do que a estrutura” (LÉVI-STRAUSS, 2012b, p. 290).